

Edição Genético-digital dos manuscritos tradutórios e do Diário de D. Pedro II

GENETIC-DIGITAL EDITION OF DOM PEDRO II TRANSLATION
MANUSCRIPTS AND DIARY

Sergio **Romanelli***
Sandro **Carvalho****

Resumo: O artigo relata as pesquisas desenvolvidas nos últimos seis anos pelo NUPROC, na Universidade Federal de Santa Catarina, para divulgar a atividade intelectual do imperador Dom Pedro II. Nestes anos de pesquisa analisamos sistematicamente pela primeira vez no Brasil as traduções literárias, de várias línguas clássicas e modernas, realizadas pelo Imperador e ignoradas pelos registros oficiais que focaram notadamente seus atos políticos e administrativos. Essas análises redundaram em várias publicações e trabalhos acadêmicos (iniciação científica, TCC, dissertações, teses e pesquisas de pós-doutorado). Agora, uma vez coletados, organizados, transcritos e analisados os manuscritos originais e digitalizados a que tivemos acesso, pretendemos disponibilizar todo esse material inédito para todos os pesquisadores e grupos que estiverem interessados na História do Brasil Imperial e da tradução e da

* Professor Doutor, classe Adjunto IV DE, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, nas Pós-graduações em Literatura e Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Letras e Filosofia - Università Degli Studi di Milano (1997), Mestrado e Doutorado em Linguística Aplicada pela UFBA (2003 e 2006). Pós-doutorado em Antropologia da tradução pela Antwerp University (2014). Coordenador do NUPROC - Núcleo de Estudo de Processos Criativos (www.nuproc.cce.ufsc.br). Tradutor (Virgillito, Alberti, Speroni, Espanca, Twain etc.) poeta e cantor. Contato: sergioroma70@gmail.com.

** Graduado em Ciências da Computação e graduando do Curso de Bacharelado em Letras - Língua Alemã e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: sandroca@gmail.com.

literatura no Brasil no século XIX. Para isso queremos transformar essas transcrições em edições genéticas acessíveis em plataformas digitais e hipertextuais no formato de transcrições hiperdiplomáticas, ao exemplo dos grupos *Projekt HyperNietzsche* e *The Beckett Digital Manuscript Project*. Além desse objetivo concreto, o artigo (e o projeto ao qual faz referência) pretende levantar a questão ainda pouco discutida no Brasil da interface necessária entre Humanidades e suportes digitais.

Palavras-chave: Dom Pedro II. Humanidades digitais. Edições genéticas digitais.

Abstract: The article reports on the research developed in the last six years by the NUPROC (www.cce.ufsc.br), at the Federal University of Santa Catarina, to divulge the intellectual activity of Dom Pedro II. In these years of research, we have systematically analyzed for the first time in Brazil the literary translations of various classical and modern languages carried out by the Emperor and ignored by the official records that focused on his political and administrative acts. These analyzes have resulted in several publications and academic papers (dissertations, theses and postdoctoral research). Now, once collected, organized, transcribed and analyzed the original and digitized manuscripts to which we had access, we intend to make available all this material unpublished to all researchers and groups that are Interested in the History of Imperial Brazil and the translation and literature in Brazil in the nineteenth century. In order to do this, we intend to transform these transcriptions into genetic editions accessible in digital and hypertextual platforms in the form of hyperdiplomatic transcriptions, to the example of the *Projekt HyperNietzsche* and *The Beckett Digital Manuscript Project*. In addition to this concrete objective, the article (and the project to which it refers) intends to raise the question still little discussed in Brazil about the necessary interface between Humanities and Digital media.

Keywords: Dom Pedro II. Digital Humanities. Genetic Digital Edition.

Introdução

Durante as aulas da disciplina “Crítica Genética” no Programa de Pós-graduação em Literatura, no segundo semestre de 2015, e ao longo dos

encontros do NUPROC (Núcleo de Estudos do Processo Criativo), ambos na Universidade Federal de Santa Catarina, surgiu a necessidade de refletir sobre a importância, a necessidade e o formato que deveria ter tanto um trabalho acadêmico quanto uma edição genética na era digital. De fato, a complexidade quantitativa e qualitativa da materialidade dos arquivos de uma pesquisa em Crítica Genética (CG) levou ao questionamento do formato atual de um trabalho acadêmico, pois em muitas das dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação de nosso país fica evidente a impossibilidade de se reproduzir de forma eficaz um dossiê genético, documentos de processo de várias naturezas (áudio, vídeo etc.), e transcrições exaustivas dos manuscritos estudados. Em outras palavras, uma edição impressa não dá mais conta daquela rede complexa que constitui qualquer processo de criação, sobretudo os de natureza mais híbrida como é o caso dos corpora de estudos das artes audiovisuais. Esta limitação nos levou a pensar em uma alternativa tanto epistemológica quanto prática para superar esse impasse e também nos sugeriu o questionamento da interface ainda pouco presente (ao menos no Brasil) entre CG e novas tecnologias. Desta reflexão identificamos que a apresentação da edição genética no formato digital ia ao encontro de uma área de pesquisa mais abrangente: a das Humanidades Digitais (HD).

Neste contexto, este trabalho visa discutir a interface entre as pesquisas em (CG) e nas HD, enquadrando as pesquisas em CG na era digital como pertencentes ao campo coberto pelas HD. Tal interface não se restringe à publicação de edições genéticas digitais, mas também a todo o aparato digital utilizado nas fases de captura e análise das informações, bem como no estudo da gênese de obras de arte que já nascem em formato digital.

Assim como o livro eletrônico não substituiu a publicação em papel, não propomos aqui o abandono total das edições genéticas impressas. As características do meio digital, porém, encerram o ambiente perfeito para as necessidades de representação fragmentária, extensa e complexa de uma edição genética, através de hiper-ligações, e a construção dinâmica interativa de representações dos documentos que influenciaram de maneira direta ou indireta na composição da obra de arte.

Conforme Biasi (2014), o desenvolvimento de grandes corpora literários (Proust, Valéry, Flaubert etc.) e do paradigma de pesquisa iniciado

por Louis Hay (2007) coincidem com o período de popularização das ferramentas tecnológicas. O autor também salienta que

foi a revolução digital dos anos 1980-1990, o processador de texto, as bases de dados e o crescimento de Internet que redefiniram inteiramente o campo e as ferramentas de estudo de gênese ao trazer respostas às questões lógicas e quantitativas que ficavam até então insolúveis (BIASI, 2014, p. 213).

Lose e Magalhães (2015), por sua vez, apresentam uma discussão da edição digital ligada à filologia, à edição crítica, cujo produto é um novo texto. Entretanto, para a crítica genética “o produto de uma edição genética não é um novo texto, mas uma representação, o estabelecimento de uma relação e uma explicação dos documentos de gênese existentes.” (D’IORIO, 2014, p. 185). Sendo assim, a edição genética tem uma vocação ainda mais forte para o formato digital.

A Edição Genética

Biasi (2010) pondera que a edição genética visa proporcionar a visibilidade do processo realizado pelo autor. Tem como finalidade elucidar o trabalho do escritor, o processo de escritura e a gênese da obra. No seu formato científico, há duas formas desenvolvidas pela edição genética, ou seja, as edições que se interessam por uma fase precisa da gênese e as edições que procuram apresentar todos os manuscritos referentes ao mesmo produto literário. Temos assim, as edições horizontais, que se preocupam por uma fase precisa da gênese, e as verticais, que procuram publicar a totalidade do dossiê da gênese.

A edição horizontal visa à reconstituição de um determinado momento do processo de trabalho, porém não se refere aos rascunhos da obra. Entretanto poderá ocorrer com rascunhos se esses apresentarem-se como uma gênese de “estruturação redacional”, que acontece quando o escritor redige a obra num só jato.

A edição vertical não se interessa por um dado momento das fases da obra, e sim, visa reconstituir o processo de escritura de ponta a ponta do

itinerário genético. Essa forma de edição in extenso encontra um grau maior de dificuldade de realização, pois a dimensão do corpus pode ser enorme. As edições verticais podem ser integrais ou parciais. A edição vertical integral é dividida em duas formas, a cronológica (fólio por fólio) ou microssequencial (fragmento por fragmento). Já para as parciais encontram-se três formas: a exploração lacunar de um dossiê genético, a seleção de um trecho dentro do dossiê genético completo que é muito extenso e a focalização em um segmento de pequena dimensão acompanhado de um estudo de gênese detalhado (BIASI, 2010). Há ainda as edições verticais seletivas, onde os documentos transcritos são acompanhados de seu comentário propondo diversas abordagens críticas dos fenômenos genéticos observados.

Biasi, em seu livro *A genética dos textos* (2010), considera que uma edição genética tem função de facilitar futuras pesquisas, pois uma vez publicado o material, os críticos poderão se remeter a ele para suas pesquisas interpretativas, sem passar pelo trabalho exaustivo de classificação e decifração do dossiê.

O que até então tinha permanecido complicado era não somente reconstituir, a partir de todos os documentos disponíveis o percurso de criação, mas tornar visível e acessível esse percurso aos pesquisadores e leitores interessados nos mecanismos de criação de qualquer obra de arte, lacuna que agora as edições genéticas digitais preenchem.

Humanidades Digitais

Ao longo dos anos, e especialmente nas últimas duas décadas, acadêmicos das ciências humanas e da computação colaboraram no desenvolvimento de ferramentas para auxiliar nos estudos envolvendo a interpretação dos artefatos humanos, as humanidades. No entanto, os estudiosos geralmente datam o início desta colaboração em 1949, quando o jesuíta e teólogo italiano Roberto Busa se aproximou de Thomas J. Watson, fundador da IBM, buscando ajuda na indexação das obras de São Tomás de Aquino. Busa obteve sucesso, porém seu objetivo não incluía máquinas de busca nem contagem de palavras, mas sim uma “interpretação doutrinária” da teologia de Aquino. O computador foi um meio para uma melhoria

qualitativa de seu objetivo (BUSA, 1980). No processo, entretanto, Busa e Watson constataram que as funções de busca e ordenação feitas pelo computador eram ferramentas atraentes para facilitar certos aspectos da investigação. Assim como o armazenamento e a recuperação de informações. A partir desse momento as ciências humanas e a computação foram interligadas, inicialmente em experimentos e, em seguida, em esforços para a criação de uma infra-estrutura digital sustentável para a pesquisa em humanidades (GARDINER; MUSTO, 2015).

A interseção das humanidades e o mundo digital criou um ambiente no qual as ciências humanas tornaram-se sujeitas a novas abordagens, levantando questões sobre a natureza das ciências humanas e, ao mesmo tempo, abrindo caminho para novos métodos de investigação. A variedade de plataformas, aplicações técnicas e ferramentas computacionais, vêm mudando drasticamente a maneira como os humanistas trabalham, como fazem pesquisa, como reúnem, organizam, analisam e interpretam as informações, e também como divulgam seus resultados. Como o digital afeta este trabalho? Enquanto alguns acreditam que o digital está mudando fundamentalmente o trabalho do humanista, outros continuam a acreditar que o digital apenas ajuda os humanistas a trabalharem melhor. Alguns até acreditam que o digital pode estar prejudicando a natureza fundamental deste trabalho. Muitos humanistas tendem a ver as HD como uma metodologia que traz as ferramentas e o poder computacional para dar suporte ao trabalho tradicional das humanidades. Os cientistas da computação tendem a ver as HD como o estudo de como o formato digital afeta as disciplinas onde é usado e o que essas disciplinas têm para contribuir para o conhecimento na computação (GARDINER; MUSTO, 2015).

Há certa controvérsia na definição exata do que seriam as HD. Um capítulo de um livro destinado a debater questões em torno do tema (GOLD, 2012) traz vinte e uma definições escolhidas de uma bem mais vasta lista online. Dentre estas, destacamos a seguinte:

A tarefa das humanidades digitais, sendo uma área transdisciplinar, é facilitar a comunicação entre seus praticantes e cultivar um discurso que envolva o compartilhamento de experiências no uso das tecnologias

de representação, computação e comunicação para dar suporte ao trabalho de interpretação inerente às humanidades¹ (GOLD, 2012, p. 70, tradução nossa).

Embora a amplitude de áreas de conhecimento cobertas seja grande, o que é notado é como a computação atravessou as disciplinas para fornecer não apenas ferramentas, mas os pontos focais metodológicos. Há, por exemplo, um interesse compartilhado em preservar artefatos físicos (escrita, pintura, escultura, entre outros), que são deixados para nós por acaso (ruínas e outros detritos da atividade humana), ou aqueles que têm sido quase impossível capturar de sua forma adequada (música, performance e eventos). No entanto, muitas disciplinas têm ido muito além do simples desejo de preservar esses artefatos, lidando com o processamento e gerenciamento de dados, representando-os e manipulando-os de uma forma diferente, de modo a revelar propriedades e traços não evidentes quando o artefato estava na sua forma nativa. Além disso, as HD agora também se preocupam com a criação de artefatos que já nascem digitais e exigem, por si só, um rigoroso estudo e compreensão (SCHREIBMAN, 2004).

Um exemplo de revelação de propriedades em artefatos através do uso da tecnologia pode ser notado na recuperação de palimpsestos, papiros e manuscritos deteriorados, utilizando-se a captação de imagem multiespectral (não visíveis ao olho humano). Assim foram recuperados o *Palimpsesto de Arquimedes*,² os *Papiros de Herculano*³ (MOCELLA et al., 2015), os *Rascunhos Inéditos de William Faulkner*,⁴ entre outros.⁵ No caso de Faulkner, durante o processamento das imagens, notou-se uma impressão digital que presume-se ser do autor. Este fato instigou a investigação para se utilizar essa tecnologia na determinação da autenticidade de manuscritos. Faz-se notar a

¹ *The task of the digital humanities, as a transcurricular practice, is to bring these practitioners into communication with each other and to cultivate a discourse that captures the shared praxis of bringing technologies of representation, computation, and communication to bear on the work of interpretation that defines the humanities* (GOLD, 2012, p. 70).

² Fonte: <<http://bit.do/dDtLe>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

³ Fonte: <<http://bit.do/dDtLf>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

⁴ Fonte: <<http://bit.do/dDtLi>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

⁵ Fonte: <<http://bit.do/dDtLk>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

importância de tal ferramenta para a CG, revelando rasuras apagadas e diferentes camadas em manuscritos, que poderiam trazer à tona uma gama de novas interpretações sobre o processo criativo do autor.

É possível que daqui a dez ou vinte anos o atributo *digital* soe como pleonasma ao ser associado às *humanidades*. Conforme mais e mais artefatos culturais sejam digitalizados ou já sejam criados digitalmente, será banal se referir a métodos digitais para estudar as criações humanas, e simplesmente pensaremos neste método de estudo como *humanidades* (SCHREIBMAN, 2016).

Existem catálogos de ferramentas digitais utilizados em humanidades. Por exemplo: *Digital Research Tools* (DiRT)⁶, *Digital Methods Initiative* (DMI)⁷ e *Text Encoding Initiative Tools* (TEI Tools)⁸. Uma ferramenta de especial interesse para a transcrição de manuscritos é a *tranScriptorium*⁹ que tem como objeto o reconhecimento de caracteres manuscritos, incluindo a aprendizagem da caligrafia característica do autor.

Dois exemplo de edição genéticas digitais são dos grupos *Projekt HyperNietzsche*¹⁰ (D'IORIO, 2000) e *The Beckett Digital Manuscript Project*¹¹ (VAN HULLE; NEYT, 2015). Ambos com acesso limitado.

O projeto de Edição Genética Digital dos manuscritos de Dom Pedro II conduzido pelo NUPROC já conta com alguns manuscritos digitalizados, adquiridos junto ao Museu Imperial de Petrópolis, enquanto outros ainda carecem de digitalização. Além da etapa inicial de captura de imagens, também estão previstas as seguintes atividades: completar as transcrições (lineares, diplomáticas e hiperdiplomáticas), análise sistemática dos documentos e criação dos percursos genéticos.

Edição Genético-Digital dos Manuscritos de Dom Pedro II

Nesse sentido, o trabalho pioneiro desenvolvido com os manuscritos do Dom Pedro II se tornaria também uma forma de não somente

⁶ Fonte: <<http://bit.do/dDtLp>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

⁷ Fonte: <<http://bit.do/dDtLs>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

⁸ Fonte: <<http://bit.do/dDtLv>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

⁹ Fonte: <<http://bit.do/dDtLy>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

¹⁰ Fonte: <<http://bit.do/dDtLB>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

¹¹ Fonte: <<http://bit.do/dDtLE>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

desenvolver novas ferramentas para produzir edições genéticas digitais indispensáveis para a conservação e divulgação desse tipo de estudos, mas também um ponto de partida, a partir da identificação dessa lacuna teórica, para uma discussão mais ampla e séria sobre a necessidade de se aproximar os dois âmbitos de estudos, as humanidades e a tecnologia digital. Aproximar então a noção de rede de criação utilizada na CG (SALLES, 2006), a de polissistema dos Estudos da Tradução (EVEN-ZOHAR, 1990) e a de hipertexto no caso da Informática se torna fundamental para desenvolver plenamente este projeto, pois como afirma Pierre Lévy:

um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 2008, p. 33).

É então essa rede complexa composta por nós e associações criativas que pretendemos reconstituir e materializar ao criar edições genéticas digitais dos manuscritos do Imperador Dom Pedro II.

D. Pedro II traduziu diversos textos de vários idiomas, além de anotar em seu diário pessoal os estudos comparativos que realizava de traduções feitas de determinada obra, não somente por ele, revelando um grande interesse e um grande conhecimento de edições, variantes, estudos sobre os clássicos da literatura mundial. O imperador procurou traduzir, sobretudo, os poetas que admirava; a tradução se tornava para ele um meio para homenagear esses poetas e para conquistar sua admiração (no caso, por exemplo, dos contemporâneos Manzoni, Longfellow etc.). Em seu diário pessoal é possível encontrar anotações a respeito de suas traduções e das datas em que foram realizadas. Em seus apontamentos, nomes como Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Schiller, Liégeois, Homero, Lamartine, entre outros figuram como os mais recorrentes (LYRA, 1938; CALMON, 1975;

CARVALHO, 2007). Das traduções realizadas pelo monarca, algumas encontram-se conservadas no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de acervos particulares.

Em termos de obras publicadas, somam-se tão somente três, a saber:

- i. *Prometeu Acorrentado, de Ésquilo* (original de *Eschyló*) traduzido para o português por ele mesmo, na condição de Imperador do Brasil (cf. Bibliografia: Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907);
- ii. *Poesias* (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II, sendo este uma homenagem de seus netos (cf. Bibliografia: Petrópolis: Typographia do “Correio Imperial”, 1889).
- iii. *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin*, impressa em Avignon, em 1891.

Atualmente, algumas pesquisas despontam trazendo à tona essa faceta pouco conhecida do imperador: o intelectual e tradutor Pedro d’Alcântara (CÂMARA, 2005). No entanto, até o momento, a maioria desses estudos somente aborda de forma superficial a atividade tradutória do Imperador não considerando esse aspecto de sua vida muito relevante; nenhum desses estudos analisa diretamente os manuscritos tradutórios e as obras traduzidas e publicadas, nem destaca a atividade desempenhada pelo monarca brasileiro no que se refere à escolha dos textos, dos autores traduzidos, ou mesmo sobre as intenções ao traduzir (motivação política de difusão da literatura, de escritores e culturas estrangeiras ou apenas por interesses pessoais). Neste sentido, o NUPROC objetiva desde seu surgimento preencher essa lacuna, resgatando através do estudo aprofundado dos manuscritos tradutórios disponíveis, utilizando para esse fim a metodologia da CG, essa faceta do Imperador e todo um conjunto de inter-relações de vários tipos que através da tradução o Imperador conseguiu estabelecer naquele período. O estudo, transcrição e organização em edições genéticas digitais, de cartas, diários, vestígios de vários tipos deixados por ele e pelos intelectuais com que se correspondia são fundamentais para percorrer esse processo de construção dessa identidade peculiar não somente de Dom Pedro II, mas também do Brasil que representava e que queria construir. Esta primeira parte do projeto, já concluída, se insere então no grande âmbito dos Estudos da Tradução, mas visa, mediante as teorias descritivas (Lambert, Toury, Even-Zohar etc.),

aliadas à metodologia da CG, entender que papel teve a tradução na vida do Imperador e no Brasil Imperial; não partindo de suposições construídas a priori e baseadas em uma historiografia que desconsidera frequentemente os dados revelados por esses documentos manuscritos, mas considerando os dados empíricos contidos em um conjunto extraordinário de manuscritos e documentos de processo até hoje nunca estudados.

No caso de D. Pedro II, a seleção e organização desse material de tradução tinha e tem ainda como objetivo contribuir para pesquisas futuras, visto que muitos pesquisadores são desencorajados de antemão devido ao tamanho e dificuldade da tarefa de organização, classificação e decifração dos manuscritos espalhados em vários acervos no Brasil e no exterior (BIASI, 2010, p. 82).

Outro fator que nos impulsionou é o fato de que há poucas pesquisas que visem estudar a história da tradução no Brasil. Wyler, em *Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil* (2003) revela a sua experiência sobre a dificuldade em compor uma historiografia da tradução em nosso país. Impressionou-lhe a escassa bibliografia existente do assunto nos bancos de dados do CNPq e nos acervos de bibliotecas espalhadas pelo Brasil. Para a autora, essa falta de informações leva muitos pesquisadores a “abandonar a desanimadora tarefa de reunir e analisar dados dispersos, [...] reforçando mais uma vez a invisibilidade da tradução e do tradutor no país” (WYLER, 2003, p. 25). Assim, um dos objetivos do projeto de pesquisa era reconstruir e entender as relações que D. Pedro II mantinha com o polissistema cultural brasileiro em meados do século XIX; as estreitas ligações com intelectuais como Gonçalves Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Carlos Gomes entre outros nomes que possam ter contribuído para formação e constituição da história da tradução e da literatura nacional. A análise desse sistema tinha o intuito de preencher parte da lacuna sobre a história da tradução no Brasil. Além disso, vale lembrar que o Imperador foi o primeiro a traduzir no Brasil diretamente do árabe *As Mil e uma noites*,¹² do espanhol trechos do épico *La Araucana* (Alonso de Ercilla), que narra a batalha entre os araucanos e os colonizadores espanhóis

¹² Cf. Souza (2010).

no Chile, livros do Antigo Testamento do hebraico para o latim (Isaías e Ruth) e fábulas em sânscrito do livro *Hitopadeça*.

O objetivo então geral deste projeto, na sua etapa atual, é a publicação de uma edição genética digital acadêmica do diário e das traduções do imperador, sobretudo dos manuscritos já transcritos e analisados (a saber os das tradução das *Mil e uma noites*, do *Hitopadeça* e dos cantos V e XXXIII do “Inferno” de Dante), para acesso livre e irrestrito através de um portal na internet. A publicação digital contemplará tanto os manuscritos do imperador quanto as transcrições de tais páginas realizadas até agora pelos membros do NUPROC, e as que serão ainda realizadas, de modo a facilitar sua leitura e busca por parte dos pesquisadores e estudantes de qualquer nível no Brasil e no exterior.

As transcrições hipertextuais irão além do conteúdo do diário e dos manuscritos tradutórios, prevendo notas explicativas quando necessário, a exemplo da transcrição do diário de Robert Graves¹³ (GRAVES; PETTER; ROBERTS, 2002). As transcrições também contarão com ligações para referências tanto internas quanto externas ao texto. Por exemplo, ao citar uma localidade, tal texto, ao ser clicado, levará a um mapa mostrando sua localização. Tal funcionalidade pode ser vista na página que agrupa as referências de localidades em Portugal feitas por autores de literatura portuguesa no projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental¹⁴ (QUEIROZ, 2011). Também estão previstas reproduções hipertextuais de percursos nos relatos de viagens do Dom Pedro (em suas cartas e diários), contendo a data em que houve a visitação, as pessoas encontradas, as observações, os desenhos etc. Podemos citar como exemplo a descrição das viagens de Dom Pedro II à Alemanha relatadas em livro baseada nos escritos do diário do imperador (BRAGANÇA, 2014).

Referências a locais e pessoas, bem como tema abordado a saber: tradução, cotidiano, ilustrações, política etc. serão agrupados em listas, conforme o exemplo da edição digital das cartas de Vincent van Gogh no projeto Vincent van Gogh - The Letters¹⁵ (JANSEN; LUIJTEN; BAKKER, 2009).

¹³ Fonte: <<http://bit.do/dDtLW>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

¹⁴ Fonte: <<http://bit.do/dDtLY>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

¹⁵ Fonte: <<http://bit.do/dDtL6>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

Ao servir para seu propósito maior já explicitado, o projeto pretende conjuntamente fomentar a reutilização das ferramentas e métodos desenvolvidos, sendo esta uma tarefa de fundamental importância para a transferência de conhecimento. A pesquisa vislumbra a criação de um modelo que seja aplicável à criação de outras edições digitais de cartas e/ou diários de proeminentes intelectuais brasileiros e, a exemplo de outros projetos pelo mundo, como *Women's Travel Diaries: 19th - 20th Century*¹⁶ (THE DUKE UNIVERSITY LIBRARIES DIGITAL COLLECTIONS PROGRAM, 2015) e *Letters of 1916: A Year in the Life*¹⁷ (SCHREIBMAN, 2004), à divulgação de coleções de material de temática específica; tais como coleções de cartas e/ou diários de pessoas que foram testemunhas de certo acontecimento histórico relevante, viveram durante certo período de tempo em um determinado local, são identificadas como integrantes de um grupo com menor representatividade política (gênero, etnia, deficiência) em certo período de tempo etc.

Utilizando ferramentas computacionais de livre acesso e uso e/ou de código aberto, bem como ferramentas desenvolvidas pela própria equipe de pesquisadores ligados aos projeto, desenvolveremos nosso percurso de criação de edições digitais e uma plataforma para disponibilizá-los.

É importante manter a compatibilidade das transcrições com um sistema de codificação internacional desenvolvido e utilizado por pesquisadores ligados a universidades, bibliotecas, museus e instituições de pesquisa em humanidades. Isto se dá visando reutilizar ferramentas já desenvolvidas e o intercâmbio de informações. Tal sistema de codificação internacional atende pelo nome de TEI (Text Encoding Initiative) (TEI CONSORTIUM, 2005), onde há módulos com objetivos distintos (versos, descrição de manuscritos, aparato crítico, dicionários etc.), mas que muitas vezes se complementam, como é no caso deste projeto. A codificação utilizando TEI exigirá treinamento dos geneticistas envolvidos e algum conhecimento técnico especializado.

Com a finalidade de tornar mais claro no que consiste a Edição Genética Digital acima mencionada, forneçamos um exemplo. Dom Pedro

¹⁶ Fonte: <<http://bit.do/dDtL8>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

¹⁷ Fonte: <<http://bit.do/dDtMa>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

II traduziu a obra *Hitopadeça* do sânscrito ao português. Tal tradução foi alvo de análise na tese de doutorado de Adriano Mafra (2015), integrante do projeto.

A Figura 1 mostra recorte do manuscrito com o título da tradução feita pelo imperador. Já a Figura 2 apresenta a transcrição diplomática, que procura seguir fielmente os aspectos do fólio manuscrito dependendo dos elementos gráficos que se pretende reproduzir: tamanho e posição dos caracteres no fólio, tipo e cor da tinta, orientação da escritura etc. Em nosso exemplo podemos notar a representação do risco após a palavra “então”, o “eis” em sua posição intermediária entre as linhas e o “au” acima do “o” em “Hitopadeça”.

A transcrição hiperdiplomática ou interativa na Figura 3 é uma sobreposição da transcrição diplomática ao manuscrito, deixando visível somente um detalhe da diplomática dependendo da posição do cursor controlado pelo usuário. Isso possibilita o exame de ambas as representações simultaneamente. É interessante notar que no papel ou em imagens digitais não-interativas as imagens não se sobrepõem. Há na página do NUPROC um exemplo interativo com a primeiro fólio da tradução do *Hitopadeça*¹⁸.

A Figura 4 traz a transcrição linear referente à área apresentada na Figura 1. Ela se dá através de caracteres tradicionais utilizados em documentos tanto impressos quanto digitais. Note-se que o símbolo “i” indica um elemento que foi adicionado naquele local e o sobrescrito indica que o elemento não está na mesma linha, porém logo acima do elemento anterior. O “au” está sobrescrito logo após o “o” indicando que o “au” está escrito acima do “o”.

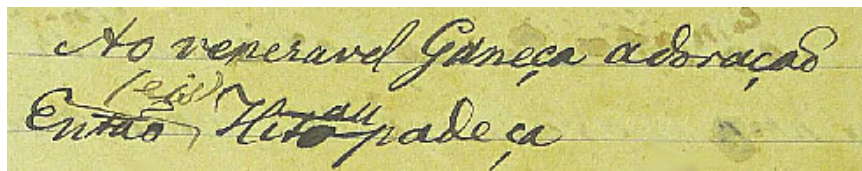


Figura 1 – Recorte de Manuscrito

¹⁸ Fonte: <<http://bit.do/dDtMf>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

Ao veneravel Ganeça adoração
 (e^{is}),
 Então Hit^{au}opadeça

Figura 2 – Transcrição Diplomática

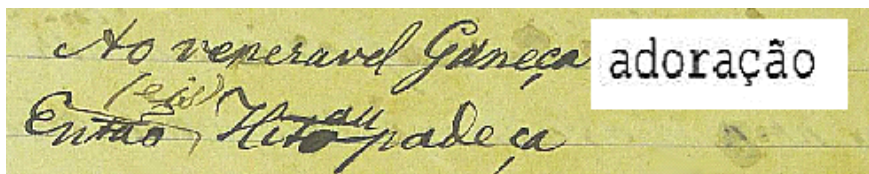


Figura 3 – Transcrição Hiperdiplomática ou Interativa

Ao veneravel Ganeça adoração
 Então^(eis) Hit^{au}opadeça

Figura 4 – Transcrição Linear

Um percurso genético pode ser representado por um grafo, onde os nodos são fólios manuscritos e as flechas, o relacionamento entre os fólios. A Figura 5 mostra um exemplo de percurso genético. Nela notamos os nodos numerados de 1 a 5 e as flechas identificadas pelas letras de “a” até “e”.

Os fólios de manuscritos representam:

1. Reescrita do poema “*Das Lied von der Glocke*” de Frederich Schiller em alemão;
2. Diário do imperador citando que havia reescrito o poema “*Das Lied von der Glocke*” e que começara sua tradução ao português;
3. Primeiro fólio da tradução do poema “*Das Lied von der Glocke*” ao português;

4. Segundo fólho da tradução do poema “*Das Lied von der Glocke*” ao português;
5. Terceiro fólho da tradução do poema “*Das Lied von der Glocke*” ao português.

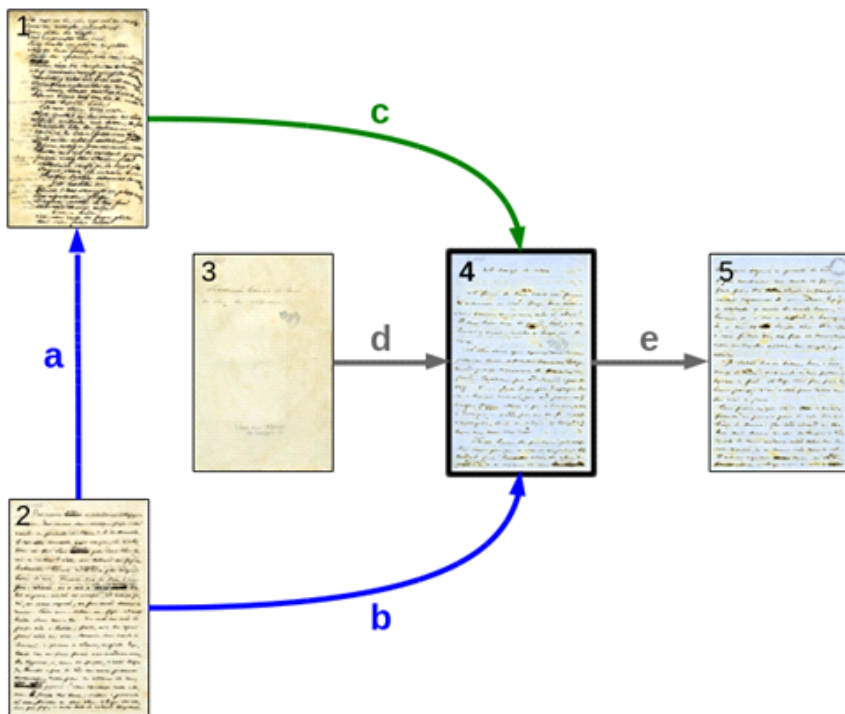


Figura 5 – Exemplo de Percurso Genético

As flechas neste exemplo são direcionais, ou seja, contém uma origem e um destino representando que:

- a. O fólho do diário faz referência à reescrita do poema;
- b. O fólho do diário faz referência à tradução do poema;
- c. O fólho 4 é uma tradução do fólho 1;
- d. Os fólhos 3 e 4 são sequenciais e o 3 vem antes do 4;
- e. Os fólhos 4 e 5 são sequenciais e o 4 vem antes do 5.

Sendo assim, note-se que existem diferentes tipos de relações, a saber:

- Referência, onde o fólio de origem aponta para o fólio de destino (flechas “a” e “b”);
- Tradução, onde o fólio de destino é uma tradução do fólio de origem (flecha “c”);
- Sequência, onde a origem é um fólio anterior ao de destino dentro do mesmo documento (“d” e “e”).

Note-se também que, neste exemplo, o fólio 4 está destacado, ou seja, estamos particularmente interessados nas relações do fólio 4. Sendo assim, todas os fólhos que estiverem relacionadas diretamente ao 4 apareceram no grafo. Se tivermos interesse nas relações do fólio 2, por exemplo, haveria a construção de um novo grafo, certamente contendo os fólhos 1 e 4, bem como todos os outros que se relacionarem diretamente com o fólio 2.

Observe-se que a representação do percurso genético depende do nível de análise almejado. Bartscherer (2003) identifica três níveis de análise: o documento, o fólio e o trecho. Neste caso, utilizamos o fólio como nível de análise, devido ao objetivo da pesquisa.

Considerações Finais

Após essa ilustração do projeto de uma edição genético-digital dos manuscritos de Dom Pedro II, acreditamos que um maior diálogo entre a CG e as HD seria benéfico a ambas, visto que o compartilhamento de soluções a problemas comuns resultariam em avanços tanto à CG quanto ao conjunto de áreas abrangidos pelas HD. O trabalho de edição genética digital no Brasil ainda é bastante incipiente e espera-se que, com o trabalho feito com os manuscritos de Dom Pedro II conduzido pelo NUPROC, possa-se estabelecer um modelo para fomentar a publicações de edições genéticas digitais no país. A experiência acumulada será divulgada pelas vias formais nacionais e internacionais e as ferramentas e metodologias disponibilizadas para acesso público com o uso das práticas de software livre / código aberto. Esperamos também, e sobretudo, que este projeto e as questões nele levantadas, possam tornar central o debate acerca da necessidade do questionamento do formato atual dos trabalhos acadêmicos no Brasil e da necessidade mais que urgente de uma interface entre pesquisadores das Letras e as ferramentas e a linguagem das novas tecnologias.

Referências

- BARTSCHERER, T. Ecce HyperNietzsche: It's not just the Philology of the Future anymore. *Journal Of New Media & Culture*, v. 2, n. 2, nov. 2003. Disponível em: <<http://bit.do/dDtMF>>. Acesso em: 19 fev. 2016.
- BIASI, P.-M. de. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BIASI, P.-M. de. Genética dos processos criativos na idade digital. In: PASSOS, M.-H. P. et al. (Org.). *Processo de criação interartes: cinema, teatro e edições eletrônicas*. Vinhedo: Horizonte, 2014. p. 199-224.
- BRAGANÇA, C. T. de S.-C. e. *Dom Pedro II na Alemanha: uma amizade tradicional*. São Paulo: Senac, 2014.
- BUSA, R. The Annals of Humanities Computing: The Index Thomisticus. *Computers and the Humanities*, v. 14, p. 83-90, 1980. Disponível em: <<http://bit.do/dDtMQ>>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- CALMON, P. *História de D. Pedro II*. Tomo terceiro: no país e no estrangeiro 1870-1887. Brasília: J. Olympio, 1975.
- CÂMARA, G. M. “Então esse é que é o Imperador? Ele não se parece nada com reis”: algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- CARVALHO, J. M. *D. Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Coordenação Elio Gaspari e Lilia M. Schwarcz).
- D’IORIO, P. (Ed.). *HyperNietzsche: Modèle d’un hypertexte savant sur Internet pour la recherche en sciences humaines. Questions philosophiques, problèmes juridiques, outils informatiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000. Disponível em: <<http://bit.do/dDtM5>>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- D’IORIO, P. O que é uma edição genética digital? In: PASSOS, M.-H. P. et al. (Org.). *Processo de criação interartes: cinema, teatro e edições eletrônicas*. Vinhedo: Horizonte, 2014. p. 183-190.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. *Polysystem Studies, Poetics Today*, v. 11, n. 1, p. 45-51, 1990.

GARDINER, E.; MUSTO, R. G. *The digital humanities: a primer for students and scholars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

GOLD, M. (Ed). *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 2012. Disponível em: <<http://bit.do/dDtNm>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

GRAVES, B.; PETTER, C. G.; ROBERTS, L. R. (Comp.). *Diary of Robert Graves 1935-39 and ancillary material*. 2002. Disponível em: <<http://bit.do/dDtNp>>. Acesso em: 07 fev. 2016.

HAY, L. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JANSEN, L.; LUIJTEN, H.; BAKKER, N. (Ed.). *Vincent van Gogh - The Letters*. 2009. Disponível em: <<http://bit.do/dDtNt>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

LOSE, A. D.; MAGALHÃES, L. B. S. Da pena às tags e dígitos binários: os caminhos da filologia textual no século XXI. In: ROMANELLI, S. (Org.). *Compêndio de Crítica Genética: América Latina*. Vinhedo: Horizonte, 2015. p. 51-57.

LYRA, H. *História de D. Pedro II: 1825-1891-Vol. I- Ascensão 1825-1870*. São Paulo: Nacional, 1938.

MAFRA, A. *O processo criativo de D. Pedro II na tradução do Hitopadeça*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis; Universiteit Antwerpen, Antwerpen.

MOCELLA, V. et al. Revealing letters in rolled Herculaneum papyri by X-ray phase-contrast imaging. *Nature Communications*, v. 6, 20 jan. 2015. Disponível em: <<http://bit.do/dDtNC>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

QUEIROZ, A. I. *Atlas das paisagens literárias de Portugal Continental*. 2011. Disponível em: <<http://bit.do/dDtNQ>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

SALLES, C. A. *Redes de criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte, 2006.

SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Ed.). *A Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <<http://bit.do/dDtNV>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Ed.). *A New Companion to Digital Humanities*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2016.

SOUZA, R. *A gênese de um processo tradutório: as mil e uma noites de D. Pedro II*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TEI CONSORTIUM. *P5: Guidelines for Electronic Text Encoding and Interchange*. 2007. Disponível em: <<http://bit.do/dDtPc>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

THE DUKE UNIVERSITY LIBRARIES DIGITAL COLLECTIONS PROGRAM. *Women's Travel Diaries: 19th - 20th Century*. 2015. Disponível em: <<http://bit.do/dDtPe>>. Acesso em: 07 fev. 2016.

VAN HULLE, D.; NEYT, V. (Ed.). *The Beckett Digital Manuscript Project*. 2015. Disponível em: <<http://bit.do/dDtPi>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Enviado em: 08/10/2016
Aceito em: 20/12/2016